

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

**JOÃO VITTOR BOZIO DOMINGUES
JOÃO VICTOR CAMPOS DE ALMEIDA**

**AS ANATOMISTAS: MULHERES NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA ANATOMIA NO
RENASCIMENTO E NO ILUMINISMO**

ALFENAS/MG

2026

**JOÃO VITTOR BOZIO DOMINGUES
JOÃO VICTOR CAMPOS DE ALMEIDA**

**AS ANATOMISTAS: MULHERES NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA ANATOMIA NO
RENASCIMENTO E NO ILUMINISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do título
de Bacharel em Medicina pela Universidade
Federal de Alfenas.

Orientadora: Prof. Dra. Evelise Aline Soares

ALFENAS/MG

2026

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Domingues, João Vittor Bozio.

As anatomistas : Mulheres notáveis na história da anatomia no Renascimento e no Iluminismo / João Vittor Bozio Domingues, João Victor Campos de Almeida. - Alfenas, MG, 2026.

41 f. : il. -

Orientador(a): Evelise Aline Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) -
Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2026.

Bibliografia.

1. História da anatomia. 2. Mulheres na ciência. 3. História da medicina.
4. Renascimento. 5. Iluminismo. I. Almeida, João Victor Campos de. II.
Soares, Evelise Aline, orient. III. Título.

AS ANATOMISTAS: MULHERES NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA ANATOMIA NO RENASCIMENTO E NO ILUMINISMO

O(A) Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação do(a) Trabalho de Conclusão de Curso apresentado(a) como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Medicina pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: 22 de Abril de 2026

Prof.^a Dr.^a Evelise Aline Soares

Assinatura: Universidade Federal de Alfenas

Prof.^a Dr.^a Gema Galgani de Mesquita Duarte

Assinatura: Universidade Federal de Alfenas

Prof.^a Esp. Anelena Moretto Salomão

Assinatura: Universidade Federal de Alfenas



Documento assinado eletronicamente por **Evelise Aline Soares, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/04/2026, às 20:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anelena Moretto Salomão, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/04/2026, às 20:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gema Galgani de Mesquita Duarte, Professor do Magistério Superior**, em 22/04/2026, às 20:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1778365** e o código CRC **F64EC6AB**.

João Vittor Bozio Domingues

Dedico este trabalho e minha formação aos meus pais, que estão comigo em todos os momentos e que me possibilitaram chegar até aqui. Dedico também aos meus avôs, que estão constantemente cuidando de mim, e às minhas saudosas avós, que me levaram a ser o que sou hoje, ensinaram-me o que é bondade e carinho e mostraram-me o que é ser amado desde o meu primeiro dia de vida. Por fim, agradeço a Deus por cada dia e por todo o carinho e amor que Ele tem por mim.

João Victor Campos de Almeida

Aos meus pais, por todo o incentivo e confiança depositados em minhas aspirações, mesmo quando ainda pareciam inalcançáveis perante as limitações. Ao meu irmão, por ser meu guia ao longo de toda a minha formação. Dedico, ainda, à toda minha família e aos meus amigos, que tornam essa trajetória mais leve, e a Deus, pela graça de ter colocado pessoas tão especiais em minha vida.

RESUMO

O trabalho analisa o papel das principais mulheres anatomistas no contexto da arte, ciência e medicina no Renascimento e no Iluminismo, destacando esses períodos como etapas centrais de um processo de emancipação intelectual que redefiniu a produção do conhecimento no Ocidente. Inicialmente, demonstra-se que o Renascimento promoveu a valorização da observação empírica, da dissecação anatômica e da retomada dos ideais clássicos, rompendo gradualmente com o dogmatismo medieval e consolidando novas bases para a anatomia e para a medicina. Em seguida, evidencia-se que o Iluminismo aprofundou esse movimento ao fortalecer o racionalismo, o método científico e a laicização do saber, embora tenha preservado contradições sociais importantes, sobretudo no que se refere à exclusão feminina. O estudo examina, então, como as mulheres eram representadas e tratadas no campo artístico e médico, mostrando que, embora o corpo feminino ocupasse lugar central na produção estética, as mulheres eram sistematicamente afastadas dos espaços formais de ensino, criação e validação científica. Nesse contexto, o trabalho recupera trajetórias de mulheres que se destacaram na anatomia e na medicina, como Anna Morandi Manzolini, Angélique Marguerite Le Boursier, Marie-Marguerite Bihéron, Louise Bourgeois, Jane Sharp e Dorothea Erxleben, ressaltando suas contribuições para a ceroplastia anatômica, a obstetrícia, o ensino médico, a prática clínica e a crítica às barreiras institucionais impostas ao sexo feminino. Conclui-se que a construção da ciência moderna não foi exclusivamente masculina, mas também sustentada por mulheres cujas contribuições foram historicamente invisibilizadas, tornando sua recuperação indispensável tanto para a justiça histórica quanto para uma compreensão mais ampla da formação da anatomia e da medicina modernas.

Palavras-chave: história da anatomia; mulheres na ciência; história da medicina; Renascimento; Iluminismo.

ABSTRACT

This study analyzes the role of the principal women anatomists within the contexts of art, science, and medicine during the Renaissance and the Enlightenment, highlighting these periods as central stages in a process of intellectual emancipation that redefined the production of knowledge in the West. First, it demonstrates that the Renaissance fostered the valorization of empirical observation, anatomical dissection, and the revival of classical ideals, gradually breaking with medieval dogmatism and establishing new foundations for anatomy and medicine. It then shows that the Enlightenment deepened this movement by strengthening rationalism, the scientific method, and the secularization of knowledge, although it preserved important social contradictions, especially regarding the exclusion of women. The study therefore examines how women were represented and treated in the artistic and medical fields, showing that although the female body occupied a central place in aesthetic production, women were systematically excluded from formal spaces of education, creation, and scientific validation. In this context, the work recovers the trajectories of women who distinguished themselves in anatomy and medicine, such as Anna Morandi Manzolini, Angélique Marguerite Le Boursier, Marie-Marguerite Bihéron, Louise Bourgeois, Jane Sharp, and Dorothea Erxleben, emphasizing their contributions to anatomical ceroplastics, obstetrics, medical teaching, clinical practice, and the critique of institutional barriers imposed on women. It concludes that the construction of modern science was not exclusively male, but was also sustained by women whose contributions were historically rendered invisible, making their recovery indispensable both for historical justice and for a broader understanding of the formation of modern anatomy and medicine.

Keywords: history of anatomy; women in science; history of medicine; Renaissance; Enlightenment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Anna Morandi, autorretrato em cera (Universidade de Bolonha).....	20
Figura 2 - Anna Morandi e Giovanni Manzolini, músculos do antebraço (Universidade de Bolonha).....	22
Figura 3 - Retrato de Angélique Marguerite Le Boursier, (encontrada no frontispício de seu livro “Resumo da arte dos partos”).....	23
Figura 4 - Exemplar da Máquina de Madame du Coudray conservado no Musée de l'Homme em Rouen, França.....	25
Figura 5 - Retrato de Dorothea Erxleben.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1	ARTIGO: As anatomistas: Mulheres notáveis na história da anatomia no renascimento e no iluminismo.....	13
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35
	ANEXOS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O Renascimento e o Iluminismo figuram entre os períodos mais decisivos da história intelectual do Ocidente, pois marcaram profundas transformações nas formas de compreender o ser humano, a natureza, o corpo e o próprio conhecimento. Longe de constituírem momentos isolados, esses movimentos podem ser entendidos como etapas de um processo histórico mais amplo de crítica ao dogmatismo medieval e de valorização da razão, da observação e da experiência como fundamentos legítimos do saber (COSTA, 2004; VIEIRA, 2018). No caso do Renascimento, esse processo manifestou-se na retomada dos referenciais clássicos greco-romanos, no fortalecimento do humanismo e na reconfiguração das relações entre arte e ciência, sobretudo a partir de um novo olhar sobre a natureza e sobre a representação do corpo humano (COSTA, 2004; OLIVEIRA *et al.*, 2024). Já no Iluminismo, verificou-se o aprofundamento dessas mudanças, com a consolidação do racionalismo, do método científico e da secularização do conhecimento, fatores que contribuíram decisivamente para a formação da ciência moderna (FAUSTINO; LANÇA, 2022; VIEIRA, 2018).

Nesse contexto, a anatomia e a medicina assumiram papel central. Durante a Idade Média, grande parte do conhecimento médico europeu permanecia vinculada à autoridade de textos clássicos, especialmente aos escritos de Galeno e Avicena, frequentemente aceitos sem verificação empírica mais rigorosa (GUSMÃO, 2004; SIRAISSI, 1990). A partir do Renascimento, contudo, a prática da dissecação humana ganhou novo impulso e passou a ser progressivamente incorporada ao ensino médico, permitindo que o corpo fosse investigado de forma direta e que erros tradicionais fossem revistos à luz da observação concreta (PARK, 2006; FAUSTINO; LANÇA, 2022). Esse movimento não apenas transformou a anatomia em uma disciplina baseada em evidências visuais e materiais, mas também fortaleceu os vínculos entre ciência e arte, uma vez que a representação anatômica exigia

precisão técnica, domínio estético e sensibilidade descritiva (COSTA, 2004; OLIVEIRA *et al.*, 2024). No século XVIII, o Iluminismo ampliou esse horizonte ao favorecer a sistematização do conhecimento biológico, o aperfeiçoamento dos métodos de investigação e a institucionalização do ensino médico assentado na observação e na experimentação (FAUSTINO; LANÇA, 2022).

Entretanto, se esses períodos são frequentemente celebrados como marcos de emancipação intelectual, progresso científico e expansão do saber, tal narrativa torna-se incompleta quando se observa a posição das mulheres nesse mesmo processo. Embora o Renascimento e o Iluminismo tenham produzido discursos sobre a dignidade humana, a racionalidade e, em certa medida, a universalidade do conhecimento, esses princípios foram aplicados de forma desigual e seletiva (KING, 1991; WIESNER-HANKS, 2008; GOMES, 2011). No campo artístico, por exemplo, o corpo feminino ocupou lugar privilegiado como objeto de contemplação, idealização e simbolismo, mas as mulheres encontraram severas restrições para atuar como artistas, dada a exclusão das academias, das oficinas e dos circuitos formais de legitimação estética (CHADWICK, 2012; CREMASCO, 2019). De maneira semelhante, no âmbito médico e científico, o corpo feminino foi amplamente estudado, descrito e normatizado por discursos masculinos, ao passo que as próprias mulheres eram afastadas das universidades, do ensino formal e dos espaços de produção legítima do conhecimento (GREEN, 2008; LINO; MAYORGA, 2016).

Essa contradição revela um dos problemas centrais que orientam o presente trabalho: a modernização do saber científico não foi acompanhada, na mesma proporção, pela democratização de seus espaços institucionais. Ao contrário, a constituição da ciência moderna se deu, em grande medida, por meio de processos ativos de exclusão feminina, sustentados por concepções filosóficas, médicas e sociais que naturalizavam a inferioridade intelectual das mulheres e as restringiam à esfera doméstica e reprodutiva (LAQUEUR, 1990; GREEN, 2008; LINO; MAYORGA,

2016). Mesmo o Iluminismo, ao proclamar a universalidade da razão e os direitos naturais, preservou fortes limites em relação à participação feminina na vida pública e no campo científico, ainda que tenha criado condições para o surgimento de críticas cada vez mais incisivas à subordinação das mulheres (GOMES, 2011; VIEIRA, 2018).

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo geral analisar a relação entre arte, ciência e medicina no Renascimento e no Iluminismo, com ênfase na condição das mulheres e em suas contribuições para a anatomia e para a prática médica. Como objetivos específicos, busca-se: compreender de que modo o Renascimento e o Iluminismo redefiniram os fundamentos do conhecimento científico; investigar como as mulheres eram percebidas e representadas no meio artístico e na medicina desses períodos; examinar os mecanismos de exclusão que limitaram sua participação institucional; e, por fim, recuperar trajetórias femininas que se destacaram na construção do saber anatômico e médico, como Anna Morandi Manzolini, Angélique Marguerite Le Boursier, Marie-Marguerite Bihéron, Louise Bourgeois, Jane Sharp e Dorothea Christiane Erxleben (MESSBARGER, 2010; MORAN, 2010; GARGAM, 2007; MOSCUCCI, 2009; STEGER, 2018; WILLS *et al.*, 2023).

A escolha do tema justifica-se, em primeiro lugar, pela relevância histórica da articulação entre arte e ciência na formação da medicina moderna. O estudo da anatomia, especialmente entre os séculos XV e XVIII, não se desenvolveu apenas em laboratórios, hospitais e universidades, mas também em ateliês, oficinas e espaços de produção visual, onde a representação do corpo humano desempenhou função pedagógica e epistemológica fundamental (COSTA, 2004; FAUSTINO; LANÇA, 2022). Em segundo lugar, o tema se justifica pela necessidade de revisar criticamente a historiografia tradicional, que durante muito tempo privilegiou personagens masculinos e relegou as mulheres à condição de figuras marginais ou secundárias, mesmo quando suas contribuições foram decisivas para o avanço da

anatomia, da obstetrícia, da farmacologia e da clínica (CHADWICK, 2012; GREEN, 2008; WILLS *et al.*, 2023). Recuperar essas trajetórias não representa apenas um gesto de reparação simbólica, mas uma exigência epistemológica para compreender de forma mais ampla e precisa os processos de produção e circulação do conhecimento científico.

Além disso, o debate proposto possui relevância contemporânea. Ao investigar como a exclusão das mulheres da ciência moderna foi historicamente construída, o trabalho contribui para problematizar desigualdades de gênero que, embora reformuladas, ainda persistem em diferentes campos do saber. Estudos recentes demonstram que a marginalização feminina não foi natural nem acidental, mas resultado de estruturas sociais e institucionais específicas, que delimitaram quem podia aprender, ensinar, publicar e ser reconhecido como produtor legítimo de conhecimento (LINO; MAYORGA, 2016; WILLS *et al.*, 2023). Desse modo, revisitar o Renascimento e o Iluminismo a partir da experiência das mulheres permite não apenas ampliar o entendimento sobre o passado, mas também lançar novas questões sobre a memória científica, os critérios de consagração historiográfica e os processos de invisibilização que moldaram a tradição acadêmica ocidental.

Assim, ao articular história da anatomia, história da medicina, história das mulheres e história da ciência, este estudo procura demonstrar que o desenvolvimento científico entre o Renascimento e o Iluminismo foi marcado simultaneamente por avanços intelectuais extraordinários e por profundas exclusões sociais. Reconhecer essa dupla dimensão é essencial para situar o leitor diante da complexidade do tema e para evidenciar que a ciência moderna, embora construída sob o signo da razão e do progresso, também foi atravessada por relações de poder, silenciamentos e disputas por legitimidade. É nesse entrelaçamento entre inovação e exclusão, visibilidade e apagamento, que se insere a análise aqui proposta.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ARTIGO: As Anatomistas: Mulheres notáveis na história da Anatomia no Renascimento e no Iluminismo

1) **A arte e a ciência no Renascimento e no Iluminismo**

O Renascimento e o Iluminismo configuram dois dos períodos mais transformadores da história ocidental, constituindo capítulos de um mesmo processo contínuo de emancipação intelectual que redefiniu a relação do ser humano com o conhecimento, a arte, a ciência e o próprio mundo natural. Embora distintos em cronologia e ênfase, esses movimentos partilham uma genealogia comum: a contestação progressiva do dogmatismo medieval e a valorização da razão, do corpo, da observação empírica e da experiência como fundamentos do saber.

O Renascimento emergiu entre os séculos XIV e XVII, tendo seu epicentro na Itália e expandindo-se gradualmente por toda a Europa. Este movimento marcou a transição da Idade Média para a Idade Moderna, caracterizando-se pela redescoberta e revalorização dos ideais clássicos greco-romanos e por uma profunda renovação do pensamento humano (COSTA, 2004; OLIVEIRA *et al.*, 2024). O termo evoca, em si mesmo, a ideia de renascer — um retorno à excelência intelectual e estética da Antiguidade, aliado, paradoxalmente, à criação de algo genuinamente novo. Nesse contexto, a arte e a ciência deixaram de ser domínios separados, fundindo-se numa visão unificada do saber. Pintores, escultores e arquitetos buscavam compreender a geometria, a óptica e a anatomia como meios para representar a realidade com maior fidelidade; inversamente, estudiosos da natureza recorriam às técnicas de observação e representação artísticas para documentar suas descobertas (COSTA, 2004).

No âmbito da medicina e da anatomia, o impacto renascentista foi particularmente revolucionário. Durante a Idade Média, o conhecimento médico era limitado por restrições religiosas e fundamentado estritamente em textos da Antiguidade — sobretudo nas obras de Galeno e Avicena — sem verificação prática ou confronto com a realidade do corpo humano. A partir do século XIV, a dissecação anatômica, antes cercada de restrições e estigmas, foi gradualmente liberada e incorporada ao ensino médico como prática fundamental (GUSMÃO, 2004;

FAUSTINO; LANÇA, 2022). Esse movimento instaurou um novo paradigma epistemológico: a observação direta e a experiência prática tornaram-se bases inquestionáveis do conhecimento, possibilitando a correção de erros seculares e a descoberta de novas estruturas do corpo humano. A anatomia renascentista, portanto, não representou apenas um avanço técnico, mas uma verdadeira revolução na forma de conceber e produzir o saber científico (FAUSTINO; LANÇA, 2022; WILLS *et al.*, 2023).

O Iluminismo, movimento intelectual e cultural que floresceu predominantemente no século XVIII, pode, assim, ser compreendido como o herdeiro direto e o aprofundamento crítico do legado renascentista. Representou a transição definitiva de uma visão de mundo baseada na especulação metafísica e no dogmatismo para uma visão centrada no racionalismo, no método científico e na laicização do conhecimento (VIEIRA, 2018). A metáfora central do movimento — a "luz" da razão dissipando as "trevas" da ignorância e da superstição — expressava a crença inabalável no progresso humano guiado pelo pensamento crítico e pela ciência. Immanuel Kant, ao definir o Iluminismo como a saída da humanidade de sua "menoridade" intelectual, sintetizou o projeto fundamental do movimento: a conquista da autonomia racional pelo ser humano (VIEIRA, 2018).

Do ponto de vista científico, o Iluminismo consolidou e radicalizou o programa epistemológico iniciado no Renascimento. A crença no progresso ilimitado proporcionado pelo método experimental, fundamentou tanto as revoluções políticas do século XVIII quanto o avanço das ciências naturais (VIEIRA, 2018). Na medicina e na anatomia, esse processo se traduziu no aprimoramento das técnicas de investigação do corpo humano, na institucionalização do ensino médico baseado na observação e no experimento, e na crescente sistematização do conhecimento biológico e fisiológico (FAUSTINO; LANÇA, 2022). A razão iluminista forneceu a legitimidade filosófica definitiva para a investigação científica do corpo, consolidando o projeto que a anatomia renascentista havia inaugurado.

Outro ponto de convergência entre os dois períodos reside na tensão entre o projeto intelectual renovador e as estruturas sociais excludentes que o cercavam. Se o Renascimento prometia uma renovação ampla do saber, as universidades e academias científicas permaneceram espaços

predominantemente masculinos, excluindo sistematicamente as mulheres da educação formal e da produção científica oficial (WILLS *et al.*, 2023). O Iluminismo, apesar de proclamar a universalidade da razão e a igualdade dos seres humanos, reproduziu em larga medida essa contradição: os ideais de liberdade, autonomia e direitos naturais foram enunciados, em sua maioria, como privilégios masculinos e de determinados grupos sociais. Pesquisas recentes têm se dedicado a recuperar as contribuições de mulheres que, mesmo diante dessas barreiras, participaram ativamente da construção do conhecimento científico nesses períodos, frequentemente a partir de famílias com tradição intelectual ou médica (WILLS *et al.*, 2023).

Em síntese, compreender a arte e a ciência no Renascimento e no Iluminismo como capítulos de um mesmo e longo processo histórico é essencial para apreender a complexidade das transformações que moldaram o pensamento médico e científico ocidental. Do humanismo renascentista que reconciliou arte e anatomia à filosofia iluminista que consolidou a razão como fundamento do saber, esses movimentos construíram as bases intelectuais sobre as quais a ciência moderna se ergueu — e dentro das quais mulheres notáveis, frequentemente invisibilizadas pelos registros oficiais, também deixaram suas marcas.

2) Como as mulheres eram vistas durante o Renascimento e o Iluminismo no meio artístico e na área médica

Durante os períodos do Renascimento (séculos XIV–XVII) e do Iluminismo (século XVIII), as mulheres ocuparam uma posição profundamente ambígua tanto nas representações artísticas quanto na construção do conhecimento médico e científico. Embora esses movimentos tenham promovido ideais de renovação intelectual, dignidade humana e, no caso do Iluminismo, a universalidade da razão e da liberdade, essa renovação não se estendeu de maneira similar à figura feminina. Pelo contrário, a percepção da mulher permaneceu amplamente condicionada por tradições filosóficas, religiosas e estruturas sociais patriarcais que, ainda que sob formas distintas em cada período, continuaram a moldar tanto a produção artística quanto o discurso médico emergente (KING, 1991; WIESNER-HANKS, 2008).

2 a) A mulher no meio artístico renascentista

No campo das artes visuais do Renascimento, o corpo feminino tornou-se um objeto central de contemplação, carregando significados estéticos, simbólicos e morais complexos. Contudo, apesar de ocuparem o centro da produção estética, as mulheres eram sistematicamente marginalizadas como agentes criadoras. As barreiras institucionais impediam seu acesso às academias de arte, às oficinas de mestres e ao aprendizado formal. A historiografia tradicional, ao privilegiar padrões predominantemente masculinos, contribuiu para apagar as contribuições das poucas artistas que, a despeito de todas as restrições, conseguiram produzir e circular suas obras (CHADWICK, 2012; CREMASCO, 2019). Como observa Cremasco (2019), as mulheres estiveram ao mesmo tempo excessivamente visíveis como tema e brutalmente invisíveis como autoras.

Nesse cenário de exclusão sistemática, algumas artistas se destacaram como notáveis exceções. Sofonisba Anguissola (Cremona, 1535–Palermo, 1625) e Lavinia Fontana (Bolonha, 1552–Roma, 1614) são casos paradigmáticos. Provenientes de famílias que apoiavam sua formação artística, ambas se tornaram pioneiras da pintura renascentista e conquistaram reconhecimento em cortes europeias. Anguissola foi admirada por Michelangelo e nomeada dama de companhia da rainha Isabel de Valois na corte espanhola; Fontana, influenciada diretamente por Anguissola, também trilhou seu caminho em Bolonha e se tornou uma artista publicamente relevante (CREMASCO, 2019). A trajetória dessas artistas, porém, dependia invariavelmente do suporte paterno ou da proteção aristocrática, evidenciando que as exceções confirmavam, e não rompiam, a regra excludente (CHADWICK, 2012).

2 b) A mulher na medicina renascentista

Na medicina e na ciência do Renascimento, a percepção do corpo feminino era fundamentada na tradição hipocrático-galênica e na teoria dos humores. O modelo elaborado por Galeno, conhecido como o "modelo de um único sexo", definia o corpo feminino como uma versão internalizada e menos perfeita do masculino (LAQUEUR, 1990; SIRAISSI, 1990). Essa concepção reduzia a identidade feminina essencialmente à função reprodutiva, atribuindo ao útero a determinação do comportamento e da saúde da mulher.

Mesmo com o avanço das práticas anatômicas trazidas pelo Renascimento — especialmente as dissecações sistematizadas por Andreas Vesalius —, os atlas e tratados anatômicos continuaram a reproduzir a lógica da inferioridade biológica feminina. As mulheres eram excluídas das universidades e do ensino formal da medicina, que era destinado exclusivamente a homens (PARK, 2006; GREEN, 2008). No espaço entre o saber formal e a prática cotidiana, mulheres exerciam funções de parteiras e curandeiras, detentoras de um conhecimento empírico acumulado por gerações. No entanto, esse saber prático foi progressivamente desvalorizado pela medicina acadêmica emergente, ocorrendo um processo de masculinização da ginecologia e da obstetrícia, por meio do qual a autoridade dos médicos homens subordinou e marginalizou os saberes femininos (GREEN, 2008). Como analisa Lino e Mayorga (2016), a exclusão das mulheres não se configurou como um fenômeno natural, mas como o resultado de mecanismos ativos de marginalização que se desenvolveu por toda a ciência moderna.

2 c) Da invisibilidade renascentista à contradição iluminista

O Iluminismo, ao proclamar a universalidade da razão e os direitos naturais do ser humano, criou as condições para uma reconfiguração — ainda que parcial e contraditória — do lugar das mulheres na sociedade e no saber. A transição do pensamento do Renascimento para o Iluminismo aprofundou o processo de laicização e racionalização do conhecimento, mas não eliminou as estruturas patriarcais que determinavam o acesso das mulheres à vida intelectual e científica (GOMES, 2011). Como observa Vieira(2018), o Iluminismo foi a culminância de processos que remontavam ao século XVI, e a condição feminina ilustra com precisão as contradições desse movimento: ao mesmo tempo que fornecia as ferramentas filosóficas para questionar a subordinação das mulheres, seus principais representantes continuavam a prescrever papéis domésticos e subservientes ao gênero feminino.

No meio artístico e cultural, as mulheres encontraram no Iluminismo novos espaços de participação, ainda que permeados de limitações. Os salões literários franceses constituíram o exemplo mais expressivo transformando-se em centros de debate filosófico e científico, nos quais mulheres da elite podiam circular, aprender e exercer influência intelectual. Entretanto, esse espaço era acessível apenas a uma

pequena parcela da população feminina — aquela pertencente às classes sociais privilegiadas —, e as mulheres frequentemente desempenhavam o papel de mediadoras e anfitriãs, não de protagonistas do discurso filosófico (GOMES, 2011).

Foi justamente nesse contexto de tensão entre os ideais iluministas e as práticas excludentes que emergiu, na Grã-Bretanha do século XVIII, uma filosofia profeminista sem precedentes históricos. Pensadores e pensadoras como William Alexander, Mary Astell, Catharine Macaulay e Mary Wollstonecraft passaram a questionar diretamente a posição de inferioridade social na qual as mulheres se encontravam, lançando as bases de uma filosofia de emancipação e de reivindicação de direitos iguais (GOMES, 2011). Astell foi uma das primeiras a defender um percurso educacional feminino ampliado; Macaulay, em suas *Letters on Education* (1790), argumentou pela igualdade educacional entre os sexos; e Wollstonecraft, na célebre *Vindication of the Rights of Woman* (1792), articulou uma crítica sistemática à exclusão das mulheres da vida pública e intelectual, exigindo que os ideais iluministas fossem aplicados de forma genuinamente universal. Na França, Olympe de Gouges publicou, em 1791, a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, denunciando a exclusão política das mulheres dos princípios da Revolução Francesa. Esses escritos, ao utilizarem a própria linguagem da razão e dos direitos naturais elaborada pelo Iluminismo, evidenciaram a contradição interna do movimento: os princípios filosóficos que deveriam ser universais eram aplicados de maneira seletiva e excludente (GOMES, 2011).

2 d) A mulher na medicina e na ciência durante o Iluminismo

No campo médico e científico, o Iluminismo não representou uma ruptura imediata com as estruturas excludentes do período anterior. As universidades europeias continuaram a barrar o acesso feminino à formação médica formal, e a autoridade científica permaneceu como um privilégio eminentemente masculino. Lino e Mayorga (2016) demonstram que a exclusão das mulheres da ciência moderna constituiu um processo histórico ativo e deliberado, sustentado por ideologias que naturalizavam a incapacidade intelectual feminina e por instituições que as impediam de acessar os espaços de produção e validação do conhecimento.

Nesse contexto, destaca-se o caso de Dorothea Christiane Erxleben (1715–1762), cuja trajetória evidencia as tensões entre os ideais iluministas de

racionalidade e as barreiras institucionais impostas às mulheres. Após enfrentar resistência institucional e acusações de prática médica sem autorização formal, Erxleben foi autorizada a defender sua dissertação na Universidade de Halle, obtendo em 12 de junho de 1754 o diploma de medicina e tornando-se a primeira mulher a graduar-se em medicina na Alemanha (STEGER, 2018).

Seu caso ilustra de maneira clara as contradições do Iluminismo, em que, embora o movimento tenha fornecido argumentos intelectuais para questionar a exclusão feminina, as estruturas acadêmicas e corporativas da medicina continuaram a resistir à presença das mulheres nos espaços formais de produção do conhecimento (LINO; MAYORGA, 2016; STEGER, 2018).

3) Mulheres que se destacaram na anatomia humana durante o renascimento

No contexto da transição entre o Renascimento e o Iluminismo, a ciência anatômica deixou de ser apenas uma prática contemplativa para se tornar uma disciplina baseada na observação empírica rigorosa e na experimentação. O título deste trabalho reflete o reconhecimento tardio, porém necessário, de mulheres que herdaram e expandiram as tradições de dissecação e representação artística do corpo humano iniciadas por mestres como Vesalius e Da Vinci.

Neste cenário, destacam-se Anna Morandi Manzolini e Angélique Marguerite Le Boursier. Ambas as figuras representam a culminação de um esforço feminino para penetrar no restrito círculo médico e acadêmico. Enquanto Morandi utilizava a arte da ceroplastia para imortalizar a complexidade do corpo humano em Bolonha, Le Boursier revolucionava o ensino da obstetrícia na França através da simulação tátil.

3 a) Anna Morandi Manzolini (1714 – 1774)

Anna Morandi Manzolini nasceu em 21 de janeiro de 1714, em Bolonha, Itália, em uma família de origem modesta (Figura 1) (SCHMIDT; MESSBARGER, 2010). Filha de Rosa Giovannini e Carlo Morandi, sua vida foi marcada por uma trajetória que uniu a dedicação familiar ao rigor científico. Em 1740, casou-se com Giovanni Manzolini, um escultor e anatomista, com quem compartilhou não apenas

a vida doméstica, mas também o laboratório de anatomia. Dos oito filhos que o casal teve, apenas dois sobreviveram à infância, Giuseppe e Carlo (SCHMIDT; MESSBARGER, 2010).

A morte inesperada de seu marido em 1755 colocou Anna em uma posição de vulnerabilidade financeira, mas também de autonomia intelectual. Aos 41 anos, ela assumiu a direção do estúdio de ceroplastia e da prática anatômica da família. Apesar das dificuldades econômicas extremas, que a levaram a entregar temporariamente seu filho mais novo a um orfanato, sua competência técnica e científica logo lhe rendeu reconhecimento internacional. Anna Morandi faleceu em sua cidade natal em 9 de julho de 1774, sendo celebrada como uma das maiores mentes de sua geração (SCHMIDT; MESSBARGER, 2010).

Figura 1 - Anna Morandi, autorretrato em cera (Universidade de Bolonha)



Fonte: LEGRO, 2012

A formação de Anna Morandi é um exemplo da educação informal e prática característica de mulheres talentosas do século XVIII. Embora os detalhes sobre sua educação formal inicial e o aprendizado do latim — essencial para a ciência da época — não sejam totalmente conhecidos, sabe-se que ela recebeu treinamento artístico rigoroso como aluna de mestres como Giuseppe Pedretti e Francesco Monti (MESSBARGER, 2010).

Sua proficiência em anatomia, no entanto, foi adquirida através da prática

direta. Ao lado de seu marido, Anna dissecou centenas de cadáveres humanos no laboratório montado em sua própria residência. Essa imersão prática permitiu que ela desenvolvesse um conhecimento profundo da morfologia humana, o qual foi registrado em um caderno anatômico. Este manuscrito não era apenas um diário de dissecação, mas uma obra teórica crítica que descrevia métodos originais e contestava teorias anatômicas vigentes (WILLS *et al.*, 2023).

O trabalho de Anna Morandi concentrou-se principalmente em Bolonha, um dos epicentros intelectuais da Europa. Em sua casa, ela operava uma escola privada de anatomia e um estúdio de modelagem em cera, onde oferecia lições regulares e demonstrações para estudantes de medicina, profissionais e viajantes ilustres de todo o continente com modelos de cera extremamente detalhados (Figura 2) (WILLS *et al.*, 2023).

Em 1756, sua excelência foi formalmente reconhecida pelo Instituto de Bolonha, que a nomeou Professora de Anatomia. Quatro anos depois, recebeu o título honorífico de Modellatrice (Escultora) (MESSBARGER, 2010). Sua reputação atravessou fronteiras, resultando em convites de instituições prestigiadas como a Royal Society de Londres e encomendas de monarcas como o Imperador José II da Áustria e a Imperatriz Catarina, a Grande, da Rússia (MESSBARGER, 2010; SCHMIDT). Após sua morte, o Senado de Bolonha adquiriu sua vasta coleção de modelos, que foi integrada ao Museu de Anatomia do Instituto de Ciências (SCHMIDT).

O legado de Anna Morandi Manzolini é multifacetado, unindo inovação técnica e descoberta científica. Ela é creditada pelo desenvolvimento de novos compostos de cera e métodos de escultura que tornaram os modelos anatômicos mais duráveis e realistas, permitindo a representação de estruturas minúsculas anteriormente negligenciadas (MESSBARGER, 2010).

Através de suas técnicas de dissecação precisas, Morandi identificou novos componentes anatômicos e criou um atlas tridimensional único. Seus modelos para a escola de obstetrícia e cirurgia prática de Bolonha, bem como sua série detalhada sobre o sistema auditivo, foram pioneiros (WILLS *et al.*, 2023). Ao desafiar teorias estabelecidas por anatomistas homens e fornecer uma narrativa visual e literária

completa sobre o corpo, Morandi elevou a ceroplastia de uma arte auxiliar a uma ferramenta pedagógica essencial, promovendo uma compreensão mais acurada dos órgãos sensoriais e reprodutivos (WILLS *et al.*, 2023).

Figura 2 - Anna Morandi e Giovanni Manzolini, músculos do antebraço (Universidade de Bolonha)



Fonte: LEGRO, 2012

3 b) Angélique Marguerite Le Boursier (1715 – 1794)

Angélique Marguerite Le Boursier, amplamente conhecida como Madame du Coudray, nasceu em 1715 em Clermont-Ferrand, França, em uma família ligada à medicina (Figura 3) (INGRASSIA, 2025; MORAN, 2010). Em 1740, foi oficialmente registrada como parteira em Paris, iniciando uma carreira que mudaria o curso da saúde pública francesa.

Em um período de alta mortalidade infantil, o Rei Luís XV encomendou-lhe,

em 1759, a missão de educar as parteiras rurais em todo o reino (INGRASSIA, 2025). Entre 1759 e 1783, ela realizou o que ficou conhecido como "Tour de France", treinando milhares de profissionais. Madame du Coudray dedicou mais de duas décadas ao ensino itinerante, retirando-se apenas aos 70 anos de idade. Ela faleceu em 1794, deixando um impacto profundo na demografia e na prática obstétrica francesa (MORAN, 2010; SCHARF *et al.*, 2022).

Figura 3: Retrato de Angélique Marguerite Le Boursier, (encontrada no frontispício de seu livro "Resumo da arte dos partos").



Fonte: MORAN, 2012

A formação inicial de Du Coudray deu-se na prática clínica intensiva em Paris. Diferente de muitos médicos de sua época, cuja educação era puramente teórica, sua base era o atendimento direto a mulheres em trabalho de parto. Ela refinou seu conhecimento através da supervisão de inúmeras aprendizes e da observação sistemática dos desafios do nascimento (INGRASSIA, 2025).

Seu método educacional era inovador por integrar teoria e prática. Ela desenvolveu o primeiro curso nacional de treinamento baseado em simulação para parteiras rurais (INGRASSIA, 2025). O currículo consistia em 40 lições distribuídas ao longo de dois meses, com aulas seis dias por semana. Para apoiar este ensino, ela escreveu e publicou o livro *Abrégé de l'Art des Accouchements*, uma das primeiras obras médicas a utilizar ilustrações anatômicas coloridas para descrever procedimentos de parto (INGRASSIA, 2025; MORAN, 2010).

A atuação de Madame du Coudray estendeu-se por toda a França e partes

da Bélgica. Após demonstrar e receber aprovação para sua metodologia na Académie Royale de Chirurgie em Paris, em 1756, ela obteve o apoio real para sua missão educacional (INGRASSIA, 2025).

Estima-se que ela tenha treinado entre 4.000 e 10.000 parteiras e cirurgiões durante suas viagens (INGRASSIA, 2025). Sua prática profissional não se limitava ao ensino; ela era uma gestora de sua própria carreira e inovações, produzindo diferentes versões de seu material didático para garantir sustentabilidade financeira e acessibilidade do conhecimento (SCHARF *et al.*, 2022). Como uma figura de destaque na França progressista, ela utilizou sua posição para padronizar práticas médicas em regiões onde o conhecimento técnico era escasso (MORAN, 2010).

O maior legado de Angélique du Coudray é a fundação da simulação cirúrgica moderna (MORAN, 2010). Sua invenção mais notável, conhecida como "La Machine" (A Máquina), foi um simulador obstétrico revolucionário (Figura 4). Tratava-se de um manequim que replicava a parte inferior do torso feminino, com órgãos internos, tecidos moles e um recém-nascido articulado, permitindo que os estudantes praticassem manobras complexas de parto de forma segura e repetitiva (INGRASSIA, 2025; SCHARF *et al.*, 2022).

Este dispositivo, construído com tecido, couro e ossos reais, proporcionou uma experiência tátil sem precedentes. Através de sua Máquina e de seu manual ilustrado, Du Coudray conseguiu reduzir significativamente as taxas de mortalidade materna e infantil na França (SCHARF *et al.*, 2022). Sua contribuição estabeleceu as bases para os métodos contemporâneos de simulação clínica, provando que a anatomia funcional e a prática são fundamentais para a segurança do paciente e a excelência médica (SCHARF *et al.*, 2022).

3 c) Marie-Marguerite Bihéron (1719–1795)

Marie-Marguerite Bihéron foi uma anatomista e ceroplasticista francesa atuante em Paris no século XVIII, reconhecida por produzir modelos anatômicos com alto realismo e por transformá-los em ferramenta didática acessível para públicos diversos — inclusive mulheres — em pleno contexto iluminista (GILGENKRANTZ, 2012; GARGAM, 2007). Sua trajetória tornou-se mais conhecida, entre outros motivos, porque Denis Diderot frequentou suas aulas e mencionou suas

peças anatômicas e seu ensino em correspondências relacionadas à corte russa, ressaltando tanto a habilidade técnica quanto a utilidade pedagógica do seu trabalho (GILGENKRANTZ, 2012).

Figura 4: Exemplar da Máquina de Madame du Coudray conservado no Musée de l'Homme em Rouen, França



Fonte: INGRASSIA, 2025

Quanto à formação e prática, Bihéron construiu uma carreira essencialmente fora das estruturas acadêmicas formais, sustentando-se por meio de exposições e lições privadas. Seu “gabinete de anatomia” diferenciava-se de coleções amadoras de curiosidades: era descrito como um espaço de pesquisa, experimentação e instrução pública, voltado à anatomia e à obstetrícia, com peças desmontáveis e demonstrações práticas (GARGAM, 2007). Entre os elementos que se destacam na descrição do seu acervo está a referência a um inventário que contabilizava 129 peças anatômicas (ceroplastias), associando seu gabinete a um conjunto amplo e sistemático de modelos (GARGAM, 2007; GILGENKRANTZ, 2012).

No campo do ensino, sua relevância se conecta diretamente ao espírito do Iluminismo: Bihéron difundiu conhecimento anatômico por meio de explicações claras e demonstrações com modelos resistentes e transportáveis, o que ampliava o alcance educacional para além de anfiteatros universitários e dissecações — frequentemente inacessíveis (ou socialmente interdidas) para mulheres (GARGAM, 2007; GILGENKRANTZ, 2012). Além disso, o realismo de suas peças é reiterado em relatos de época, inclusive com comentários sobre como seus modelos

pareciam “mais verdadeiros que a natureza”, enfatizando o valor didático de simulações anatômicas em um período de crescimento da cultura científica pública (GILGENKRANTZ, 2012).

Assim, o legado de Marie-Marguerite Bihéron pode ser compreendido como a convergência entre técnica (ceroplastia/anatomia artificial), pedagogia e circulação social do saber anatômico no século XVIII. Sua atuação reforça que, no Renascimento tardio e sobretudo no Iluminismo, o avanço da anatomia não dependeu apenas de dissecações e tratados, mas também de estratégias materiais e educativas — como modelos anatômicos e gabinetes — que permitiram ampliar públicos e consolidar práticas de ensino (GARGAM, 2007; GILGENKRANTZ, 2012).

4) Mulheres que se destacaram na medicina durante o Renascimento e o Iluminismo

Durante o Renascimento (aproximadamente entre os séculos XIV e XVII), as mulheres foram amplamente excluídas da educação médica universitária formal, então progressivamente monopolizada por homens. Ainda assim, desempenharam papel fundamental na assistência à saúde, atuando em áreas como obstetrícia, botânica medicinal, farmacologia doméstica e práticas terapêuticas comunitárias. Grande parte desse conhecimento desenvolveu-se no âmbito da chamada medicina doméstica (*household medicine*), na qual mulheres aristocratas, religiosas e curandeiras exerciam funções essenciais no cuidado familiar e coletivo (STROCCHIA, 2019; GREEN, 2008)

A trajetória de Caterina Sforza (1463–1509) evidencia como o saber médico podia combinar empirismo, registro e circulação. Ela aparece associada a interesses por alquimia e farmacologia e à compilação do manuscrito *Experimentos*, reunindo centenas de receitas e registrando seus resultados (STROCCHIA, 2019). Além de cuidado e experimentação, esse tipo de produção também operava como circulação estratégica do conhecimento, ao transitar entre nobres e boticários, evidenciando inserção em redes de troca de saber médico (BENADUSI; BROWN, 2015).

No mesmo universo de corte, Maria Salviati (1499–1543) é apresentada como gestora da saúde dos Médici, com práticas próximas da pediatria e da prevenção. A descrição ressalta autonomia para discutir terapias com médicos formados, domínio de destilação e práticas farmacêuticas e capacidade de decidir

condutas a partir de observação clínica, funcionando como ponte entre casa e medicina institucional (STROCCHIA, 2019).

Também na corte florentina, Eleonora de Toledo (1522–1562) surge vinculada à gestão da saúde cortesã e ao uso do intercâmbio de receitas como instrumento de prestígio político e social. O conhecimento terapêutico, além de utilitário, tinha valor simbólico e estratégico, estruturando redes de reconhecimento apoiadas na reputação de eficácia dos preparados (STROCCHIA, 2019).

Na obstetrícia, Louise Bourgeois Boursier (1563–1636) tem sua atuação associada à consolidação prática e à produção escrita (início do século XVII). Ela é apresentada como exemplo de profissionalização baseada em experiência clínica e observação anatômica, tensionando hierarquias de gênero e dialogando com campos tradicionalmente masculinos (MOSCUCCI, 2009).

Já Jane Sharp (1641–1671) aparece como autora de *The Midwives Book* (1671), tratado em inglês, que articula anatomia e fisiologia ao argumento de que o cuidado do parto exigia conhecimento teórico e experiência situada (SHARP, 1671). Ela também é apresentada como crítica à crescente medicalização masculina do parto, defendendo a autoridade feminina no ambiente do nascimento (WILLS *et al.*, 2023; MOSCUCCI, 2009).

Além das figuras com registros escritos, é de extrema relevância o papel das curandeiras e “mulheres sábias” na sustentação de sistemas comunitários de saúde, com domínio empírico de plantas e minerais (GREEN, 2008). Ainda, os conventos femininos funcionavam como polos de produção de medicamentos e assistência, preservando e aplicando conhecimentos botânicos no cuidado aos enfermos (STROCCHIA, 2019; GREEN, 2008).

Integrada ao iluminismo, Dorothea Christiane Erxleben (1715–1762), representada na Figura 5, adquire um significado histórico singular. Filha de um médico progressista da cidade de Quedlinburg, na Alemanha, Erxleben cresceu em uma família que havia abraçado os ideais iluministas, o que levou seu pai a proporcionar a ela e ao seu irmão a mesma educação em latim, matemática, ciências e teoria médica. Desejosa de seguir os estudos formais de medicina, ela peticionou ao rei Frederico, o Grande da Prússia, que autorizou sua entrada na

Universidade de Halle em 1741 — autorização que, porém, não se concretizou imediatamente, dadas as circunstâncias de seu casamento e maternidade (STEGER, 2018). Em 1742, Erxleben publicou o livro *Uma Investigação Completa sobre as Causas que Impedem o Sexo Feminino de Estudar*, obra de caráter profeminista na qual argumentou que a Alemanha desperdiçava os talentos de metade de sua população ao excluir as mulheres da educação científica (STEGER, 2018).

A partir de 1747, diante de dificuldades econômicas, Erxleben passou a praticar medicina em sua cidade natal sem diploma formal, tornando-se amplamente respeitada pela população local. A ameaça ao monopólio médico masculino levou médicos da cidade a processá-la por charlatanismo. O caso chegou ao rei, que determinou que ela prestasse exame e defendesse dissertação na Universidade de Halle. Em 12 de junho de 1754, Dorothea Erxleben recebeu seu diploma de medicina, tornando-se a primeira mulher a se graduar em medicina na Alemanha — e durante mais de um século e meio nenhuma outra mulher repetiria essa conquista no país (STEGER, 2018). Sua dissertação inaugural, *Sobre a Cura Rápida e Agradável mas por essa Razão Menos que Completa das Doenças*, questionava práticas médicas vigentes e demonstrava o rigor intelectual que o campo exigia e que ela plenamente possuía, evidenciando que as barreiras impostas às mulheres eram de ordem social e institucional, não de capacidade (STEGER, 2018).

A trajetória das mulheres anatomistas e médicas no Renascimento e no Iluminismo revela, com clareza, que a construção do conhecimento científico moderno não foi um empreendimento exclusivamente masculino. Figuras como Anna Morandi Manzolini, Madame du Coudray, Louise Bourgeois e Dorothea Erxleben atuaram em um contexto profundamente hostil à presença feminina nas ciências, e, ainda assim, produziram saberes originais, inovaram metodologias e formaram gerações de profissionais de saúde. A marginalização histórica dessas mulheres não decorreu de incapacidade ou ausência, mas de um processo deliberado de exclusão institucional que a historiografia hegemônica tardou em reconhecer. Recuperar suas contribuições, portanto, não é apenas um exercício de justiça histórica, mas uma necessidade epistemológica: não se pode compreender plenamente a anatomia, a obstetrícia e a medicina moderna sem reconhecer que, nas margens do poder acadêmico, foram mulheres que muitas vezes sustentaram e

avançaram o próprio saber científico que as excluía.

Figura 5: Retrato de Dorothea Erxleben



Fonte: WIKIMEDIA COMMONS (2023).

Licença: Creative Commons
Atribuição-Compartilhada 4.0 Internacional (CC
BY-SA 4.0). Disponível em:
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>.
Acesso em: 6 mar. 2026. (Sem alterações.)

Referências bibliográficas:

1. BENADUSI, Giovanna; BROWN, Judith C. (org.). *Medici women: the making of a dynasty in Grand Ducal Tuscany*. Toronto: Centre for Reformation and Renaissance Studies, 2015.
2. CHADWICK, Whitney. *Women, art, and society*. 5. ed. London: Thames & Hudson, 2012.
3. COSTA, Cristiano Othon de Amorim. *A perspectiva no olhar: ciência e arte do renascimento*. 2004.
4. CREMASCO, Renata Lima. As mulheres (in)visíveis na Arte Renascentista. *Encontro de História da Arte*, Campinas, SP, n. 14, p. 361–368, 2019. DOI: 10.20396/eha.vi14.3476. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3476>. Acesso em: 4 mar. 2026.
5. FAUSTINO, Ana; LANÇA, Maria João. *Anatomia e Fisiologia: evoluindo de*

- "mãos dadas". *História da Ciência e Ensino: construindo interfaces*, v. 25, p. 209–220, 2022.
6. GARGAM, Adeline. *Marie-Marguerite Bihéron e sua prática de anatomia: uma mulher da ciência e uma educadora*. In: BROUARD-ARENDS, Isabelle; PLAGNOL-DIÉVAL, Marie-Emmanuelle (org.). *Femmes éducatrices au siècle des Lumières*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2007. p. 147-156. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/39353>. Acesso em: 19 mar. 2026.
 7. GILGENKRANTZ, Simone. Les céroplasticiens du XVIIIe siècle: entre écorchés et plastinés. *médecine/sciences*, v. 28, n. 5, p. 531-533, maio 2012. DOI: 10.1051/medsci/2012285019. Disponível em: https://www.medecinesciences.org/en/articles/medsci/full_html/2012/06/medsci2012285p531/medsci2012285p531.html. Acesso em: 19 mar. 2026.
 8. GOMES, Anderson Soares. Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/26059>. Acesso em: 4 mar. 2026.
 9. GREEN, Monica H. *Making women's medicine masculine: the rise of male authority in pre-modern gynaecology*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
 10. GUSMÃO, Sebastião. História da medicina: evolução e importância. *JBNC – Jornal Brasileiro de Neurocirurgia*, v. 15, n. 1, p. 5–10, 2004.
 11. INGRASSIA, P. Angélique du Coudray: Mother of Obstetric Simulation. *SIMZINE*, 7 mar. 2025. Disponível em: <https://simzine.news/experience-en/angelique-du-coudray-mother-of-obstetric-simulation/>. Acesso em: 3 mar. 2026.
 12. KING, Margaret L. *Women of the Renaissance*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
 13. LAQUEUR, Thomas. *Making sex: body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
 14. LEGRO, Michelle. The Lady Anatomist: The Wax Sculptures of 18th-Century Artist-Scientist Anna Morandi Manzolini. *The Marginalian*, 13 mar. 2012. Disponível em:

- <https://www.themarginalian.org/2012/03/13/the-lady-anatomist/>. Acesso em: 6 mar. 2026.
15. LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Cláudia. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. *Saúde & Transformação Social / Health & Social Change*, v. 7, n. 3, p. 96–107, 2016.
 16. MESSBARGER, Rebecca. *The Lady Anatomist: The Life and Work of Anna Morandi Manzolini*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2010.
 17. MORAN, M. E. Enlightenment via simulation: "crone-ology's" first woman. *Journal of Endourology*, v. 24, n. 1, p. 5–8, jan. 2010. DOI: 10.1089/end.2009.0423.
 18. MOSCUCCI, Ornella. *Jane Sharp and early modern midwifery. The Practising Midwife*, London, 2009.
 19. OLIVEIRA, Mariana Vieira de *et al.* O encontro entre Arte, Ciência, Técnica e Tecnologia: das inovações na pintura renascentista às produções imersivas contemporâneas. 2024.
 20. PARK, Katharine. *Secrets of women: gender, generation, and the origins of human dissection*. New York: Zone Books, 2006.
 21. SCHARF, J. L. *et al.* La Machine: Obstetric Phantoms of Madame Du Coudray... Back to the Roots. *Journal of Medical Education and Curricular Development*, v. 9, 18 abr. 2022. DOI: 10.1177/23821205221090168.
 22. SCHMIDT, Christine. Anna Morandi. *Fembio – International Biography*, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.fembio.org/english/biography.php/woman/biography/anna-morandi/#zitate>. Acesso em: 3 mar. 2026.
 23. SHARP, Jane. *The midwives book: or the whole art of midwifery discovered*. London: Simon Miller, 1671.
 24. SIRAISSI, Nancy G. *Medieval and early Renaissance medicine: an introduction to knowledge and practice*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
 25. STEGER, Florian. Importance of learning from the model: Dorothea Erxleben (1715–1762), the first graduated female doctor in Germany. *Droit, Santé et Société*, v. 34, n. 3-4, p. 71–75, 2018. DOI: 10.3917/dsso.053.0071.
 26. STROCCHIA, Sharon T. *Forgotten healers: women and the pursuit of health in late Renaissance Italy*. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

27. VIEIRA, O. As grandes revoluções do século XVIII e o Iluminismo. Inf.Br, 2018. Disponível em:
https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/2nwjMOpLyWln7m3_2018-10-6-10-38-31.pdf.
28. WIESNER-HANKS, Merry E. Women and gender in early modern Europe. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
29. WILLS, H. *et al.* (Eds.). Women in the History of Science: A sourcebook. London: UCL Press, 2023. DOI: 10.2307/j.ctv2w61bc7. Disponível em:
<https://doi.org/10.2307/j.ctv2w61bc7>.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender que o Renascimento e o Iluminismo constituíram momentos decisivos para a transformação das formas de produção do conhecimento no Ocidente, especialmente no que se refere às relações entre arte, ciência e medicina. Conforme discutido, o Renascimento inaugurou uma nova atitude intelectual fundada na observação direta, na valorização do corpo e na recuperação dos referenciais clássicos, favorecendo o desenvolvimento da anatomia e alterando profundamente os modos de representação visual e de investigação do corpo humano (COSTA, 2004; GUSMÃO, 2004; PARK, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2024). O Iluminismo, por sua vez, aprofundou esse processo ao consolidar o racionalismo, o método científico e a laicização do saber, fortalecendo a institucionalização da medicina e da ciência modernas (FAUSTINO; LANÇA, 2022; VIEIRA, 2018).

Entretanto, o estudo também demonstrou que esse avanço não ocorreu de forma universal. A investigação sobre a condição feminina no meio artístico e médico revelou que as mulheres permaneceram submetidas a estruturas profundamente patriarcais, mesmo em contextos que proclamavam a dignidade humana, a razão e o progresso. No campo das artes, embora o corpo feminino ocupasse posição central nas representações estéticas, as mulheres eram sistematicamente impedidas de acessar academias, oficinas e circuitos de legitimação artística, permanecendo invisibilizadas como produtoras de conhecimento e criação (CHADWICK, 2012; CREMASCO, 2019; KING, 1991). De modo semelhante, na medicina e na anatomia, o corpo feminino foi amplamente descrito e normatizado por discursos masculinos, enquanto as próprias mulheres eram excluídas das universidades e dos espaços formais de formação e validação científica (LAQUEUR, 1990; GREEN, 2008; LINO; MAYORGA, 2016). Assim, o trabalho confirmou que a construção da ciência moderna esteve profundamente marcada por mecanismos ativos de exclusão institucional e simbólica.

Ao mesmo tempo, a pesquisa permitiu recuperar a atuação de mulheres que, apesar dessas barreiras, exerceram papel fundamental na anatomia e na medicina. As trajetórias de Anna Morandi Manzolini, Angélique Marguerite Le Boursier, Marie-Marguerite Bihéron, Louise Bourgeois, Jane Sharp e Dorothea Erxleben evidenciam que a participação feminina na construção do saber científico foi concreta, inovadora e historicamente relevante (MESSBARGER, 2010; MORAN, 2010; GARGAM, 2007; GILGENKRANTZ, 2012; MOSCUCCI, 2009; STEGER, 2018; WILLS *et al.*, 2023). Essas mulheres contribuíram para o aperfeiçoamento do ensino anatômico, para o avanço da obstetrícia, para a difusão de práticas clínicas e para a crítica das limitações impostas ao sexo feminino, demonstrando que a exclusão das mulheres da historiografia científica não decorreu de ausência de contribuição, mas de processos históricos de apagamento.

Dessa forma, conclui-se que os objetivos propostos foram atendidos, uma vez que o trabalho não apenas situou historicamente as articulações entre arte, ciência e medicina no Renascimento e no Iluminismo, como também analisou criticamente a posição das mulheres nesses processos e destacou suas contribuições para a formação da ciência moderna. A principal implicação desta pesquisa reside na necessidade de revisar narrativas historiográficas tradicionais, reconhecendo que o desenvolvimento da anatomia e da medicina foi também sustentado por agentes femininas frequentemente marginalizadas (GREEN, 2008; STROCCHIA, 2019; WILLS *et al.*, 2023). Para trabalhos futuros, sugere-se o aprofundamento de estudos sobre outras mulheres atuantes em contextos científicos da modernidade, bem como investigações comparativas entre diferentes países e instituições, a fim de ampliar a compreensão sobre os mecanismos de exclusão e resistência que marcaram a história das mulheres na ciência.

REFERÊNCIAS

BENADUSI, Giovanna; BROWN, Judith C. (org.). **Medici women: the making of a dynasty in Grand Ducal Tuscany**. Toronto: Centre for Reformation and Renaissance Studies, 2015.

CHADWICK, Whitney. **Women, art, and society**. 5. ed. London: Thames & Hudson, 2012.

COSTA, Cristiano Othon de Amorim. **A perspectiva no olhar: ciência e arte do renascimento**. 2004.

CREMASCO, Renata Lima. **As mulheres (in)visíveis na Arte Renascentista**. Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 14, p. 361–368, 2019. DOI: 10.20396/eha.vi14.3476. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3476>. Acesso em: 4 mar. 2026.

FAUSTINO, Ana; LANÇA, Maria João. **Anatomia e Fisiologia: evoluindo de "mãos dadas"**. História da Ciência e Ensino: construindo interfaces, v. 25, p. 209–220, 2022.

GARGAM, Adeline. **Marie-Marguerite Bihéron e sua prática de anatomia: uma mulher da ciência e uma educadora**. In: BROUARD-ARENDS, Isabelle; PLAGNOL-DIÉVAL, Marie-Emmanuelle (org.). *Femmes éducatrices au siècle des Lumières*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2007. p. 147-156. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/39353>. Acesso em: 19 mar. 2026.

GILGENKRANTZ, Simone. **Les céroplasticiennes du XVIIIe siècle: entre écorchés et plastinés**. Médecine/sciences, v. 28, n. 5, p. 531-533, maio 2012. DOI: 10.1051/medsci/2012285019. Disponível em: https://www.medecinesciences.org/en/articles/medsci/full_html/2012/06/medsci2012285p531/medsci2012285p531.html. Acesso em: 19 mar. 2026.

GOMES, Anderson Soares. **Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII**. Matranga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matranga/article/view/26059>. Acesso em: 4 mar. 2026.

GREEN, Monica H. **Making women's medicine masculine: the rise of male authority in pre-modern gynaecology.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

GUSMÃO, Sebastião. **História da medicina: evolução e importância.** JBNC – Jornal Brasileiro de Neurocirurgia, v. 15, n. 1, p. 5–10, 2004.

INGRASSIA, P. **Angélique du Coudray: Mother of Obstetric Simulation.** SIMZINE, 7 mar. 2025. Disponível em: <https://simzine.news/experience-en/angelique-du-coudray-mother-of-obstetric-simulation/>. Acesso em: 3 mar. 2026.

KING, Margaret L. **Women of the Renaissance.** Chicago: University of Chicago Press, 1991.

LAQUEUR, Thomas. **Making sex: body and gender from the Greeks to Freud.** Cambridge: Harvard University Press, 1990.

LEGRO, Michelle. **The Lady Anatomist: The Wax Sculptures of 18th-Century Artist-Scientist Anna Morandi Manzolini.** The Marginalian, 13 mar. 2012. Disponível em: <https://www.themarginalian.org/2012/03/13/the-lady-anatomist/>. Acesso em: 6 mar. 2026.

LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Cláudia. **As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna.** Saúde & Transformação Social / Health & Social Change, v. 7, n. 3, p. 96–107, 2016.

MESSBARGER, Rebecca. **The Lady Anatomist: The Life and Work of Anna Morandi Manzolini.** Chicago; London: The University of Chicago Press, 2010.

MORAN, M. E. **Enlightenment via simulation: "crone-ology's" first woman.** Journal of Endourology, v. 24, n. 1, p. 5–8, jan. 2010. DOI: 10.1089/end.2009.0423.

MOSCUCCI, Ornella. **Jane Sharp and early modern midwifery.** The Practising Midwife, London, 2009.

OLIVEIRA, Mariana Vieira de *et al.* **O encontro entre Arte, Ciência, Técnica e**

Tecnologia: das inovações na pintura renascentista às produções imersivas contemporâneas. 2024.

PARK, Katharine. **Secrets of women: gender, generation, and the origins of human dissection.** New York: Zone Books, 2006.

SCHARF, J. L. *et al.* **La Machine: Obstetric Phantoms of Madame Du Coudray... Back to the Roots.** Journal of Medical Education and Curricular Development, v. 9, 18 abr. 2022. DOI: 10.1177/23821205221090168.

SCHMIDT, Christine. **Anna Morandi.** Fembio – International Biography, [s.l.], [s.d.].

Disponível em:

<https://www.fembio.org/english/biography.php/woman/biography/anna-morandi/#zitate>. Acesso em: 3 mar. 2026.

SHARP, Jane. **The midwives book: or the whole art of midwifery discovered.** London: Simon Miller, 1671.

SIRAISSI, Nancy G. **Medieval and early Renaissance medicine: an introduction to knowledge and practice.** Chicago: University of Chicago Press, 1990.

STEGER, Florian. **Importance of learning from the model: Dorothea Erxleben (1715–1762), the first graduated female doctor in Germany.** Droit, Santé et Société, v. 34, n. 3-4, p. 71–75, 2018. DOI: 10.3917/dsso.053.0071.

STROCCHIA, Sharon T. **Forgotten healers: women and the pursuit of health in late Renaissance Italy.** Cambridge: Harvard University Press, 2019.

VIEIRA, O. **As grandes revoluções do século XVIII e o Iluminismo.** Inf.Br, 2018.

Disponível em:

https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/2nwjMOpLyWln7m3_2018-10-6-10-38-31.pdf.

WIESNER-HANKS, Merry E. **Women and gender in early modern Europe.** 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

WILLS, H. *et al.* (Eds.). **Women in the History of Science: A sourcebook.** London:

UCL Press, 2023. DOI: 10.2307/j.ctv2w61bc7. Disponível em:
<https://doi.org/10.2307/j.ctv2w61bc7>.

**ANEXO A - ACEITE PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA O ANATOMISTA DO
MANUSCRITO “AS ANATOMISTAS: MULHERES NOTÁVEIS NA HISTÓRIA DA
ANATOMIA NO RENASCIMENTO E NO ILUMINISMO”**



Evelise Aline Soares <evelise.soares@unifal-mg.edu.br>

Aceite para publicação

1 mensagem

Revista O Anatomista - SBA <revista.o.anatomista@gmail.com>

22 de abril de 2026 às 20:11

Para: Evelise Aline Soares <evelise.soares@unifal-mg.edu.br>

Prezados autores,

É com satisfação que comunicamos o **aceite para publicação** do manuscrito intitulado "*As Anatomistas: Mulheres notáveis na história da Anatomia no Renascimento e no Iluminismo*", de autoria de João Vittor Bozio Domingues¹, João Victor Campos de Almeida¹ e Evelise Aline Soares, na **Revista O Anatomista**, Volume 2, edição de 2026.

O trabalho foi avaliado de acordo com as diretrizes editoriais da revista e considerado adequado quanto à relevância científica, originalidade e contribuição para a área de morfologia, especialmente no campo da história e cultura anatômica.

Informamos que o manuscrito seguirá agora para as etapas finais de editoração, incluindo revisão de linguagem, normalização conforme as normas da revista e diagramação. Caso sejam necessárias adequações adicionais, a equipe editorial entrará em contato oportunamente.

Agradecemos a submissão e parabenizamos os autores pela contribuição à Revista O Anatomista.

Atenciosamente,

Equipe Editorial

Revista O Anatomista

Sociedade Brasileira de Anatomia

Editor

Revista "O ANATOMISTA"

ISSN 2177-0719



Sociedade Brasileira
de Anatomia